

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ  
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY  
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES  
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE  
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ  
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY  
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES  
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE  
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade

**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Clarissa De Franco

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade / Organizadora Clarissa De Franco. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0214-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.145220206>

1. Psicologia junguiana. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. I. Franco, Clarissa De (Organizadora). II. Título.

CDD 150.1954

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## PRÓLOGO

*Luciana Martins Dias e Silva*

Minha mãe me contou que quando eu nasci, meu pai teceu um casaquinho de tricô pra mim. Cresci vendo meu pai tecer, bordar, costurar, cozinhar. Ele era militar, tenente da aeronáutica e médico cirurgião ortopedista. Também vi minha mãe, professora e geógrafa, se envolver com política, discursar em palanques, beber e debater em botecos. Invariavelmente bem vestida, num estilo clássico, de saia, batom, salto alto e unhas impecáveis. Eu sempre achei tudo lindo, até tentava imitar, mas só consegui mesmo me identificar com o lado da política e dos botecos por parte de mãe, e com o lado dos artesanatos e da culinária, por parte de pai.

Disse minha mãe que sempre quis ter uma menina. E que quando eu, sua primeira e tão esperada filha nasci, ela me comprou os vestidos mais lindos, bordados, super tendências fashion da moda bebê 1976. Mas que, para sua decepção, eu gostava mesmo era de usar conjuntinhos de shorts e camisetas, de beber a água com sabão suja que saía do cano da minha banheirinha e de rolar na lama.

De lá pra cá, tenho gostado mais de beber cerveja e vinho do que água de banheira, mas pouco mudei em termos de estilo. Gosto mais de shorts do que de vestidos e babados. Tenho horror a manicure e fui um verdadeiro fracasso nas poucas tentativas de fazer aulas de balé. Devido a esse meu jeitinho delicado, passei a vida toda ouvindo de terapeutas, homens e mulheres, das mais variadas abordagens, especialmente as junguianas, que deveria ser mais feminina, agir de modo mais feminino, falar de modo mais feminino, me vestir de um jeito mais feminino. Espiritualistas me disseram que eu precisava usar mais saias para que minhas ciganas e pombagiras pudessem se manifestar. E que eu precisava me conectar ao feminino sagrado, para que a energia da Deusa pudesse se expressar.

Logo eu, que tenho Sol em Escorpião, Lua em Áries e Ascendente em Capricórnio. Fui estudar astrologia e descobri que tenho a força de Marte triplicada. Sol e Lua regidos por Marte e um ascendente que exalta Marte. E que Marte é meu almútem, senhor do meu destino. Não é à toa que sempre fui briguenta e cheia de opinião. Mas tem aquela história, que diz que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus, né? Pois eu era uma mulher de Marte. E agora, como ia fazer para que a deusa, a cigana e a pombagira se manifestassem? Parecia que nem os astros estavam a fim de colaborar para a expressão do meu feminino. Estaria a Deusa contra mim?

Por muito tempo me senti completamente inadequada, pouco feminina. Num primeiro contato com a psicologia junguiana, fiquei sabendo que era uma mulher possuída pelo animus. Isso me caía como um xingamento. E eu pensava, ai, menina, não vai ter jeito...



Depois de muita terapia, e de terapia para ressignificar o que me foi dito em outras terapias, me envolvi um pouco mais com os estudos de gênero, em uma pós em Sociologia, e um novo universo de entendimento e possibilidades se abriu. Mas sentia falta de ver mais destes estudos dentro da psicologia junguiana, da qual sempre gostei mas pela qual nem sempre me senti muito compreendida. E é por isso que, com alívio e prazer, me deparo com este livro, trazendo desconstruções e revisões de conceitos de gênero e sexualidade dentro da psicologia analítica. É claro que todo o trabalho de Jung e dos junguianos merece reverência, isso para mim nem está em questão, até porque tem o que Jung disse e o que foi mal interpretado, mal entendido ou distorcido a respeito do que ele disse. Mas o fato é que o mundo mudou bastante desde o século XIX e é bom poder respirar um pouco de ar renovado e não binário nestas paragens.

Que bom poder pensar sobre o feminismo decolonial e olhar para o racismo, o sexismo, à luz da teoria dos complexos culturais. Que alegria poder trazer bell hooks, a interseccionalidade e o feminismo negro ao universo junguiano, visto que entre as coisas que sempre me incomodaram no mundo junguiano estavam justamente algumas generalizações, e imposições de visões coloniais de certos grupos hegemônicos como conceitos neutros e universais. Falo isso daqui do meu lugar de mulher branca cis hetero de classe média. Salve hooks e sua visão feminista que aponta para a possibilidade de diversidade entre as mulheres (e homens) e de tolerância com o diferente.

Que importante um novo olhar para novas possibilidades de construção de identidade e performance de gênero, como outra forma de entender o que é masculino e feminino, desconstruindo uma lógica binária, conservadora que muitas vezes se impõe ainda que sub-repticiamente, gerando sintomas como homofobia e medo do feminino, sustentando uma forma de controle sobre os corpos, e uma norma patriarcal e capitalista, no momento de lidar com a subjetividade humana e suas múltiplas possibilidades de expressão.

Necessário poder ver a sexualidade humana como algo não linear, assim como a individuação, entendendo que por isso não pode ser explicada em termos desenvolvimentistas, como muitas vezes a psicologia analítica clássica tenta fazer em relação a homossexualidade. E buscar o desenvolvimento, sim, de um olhar que produza fissuras na heteronormatividade, dialogando com as exigências da fantasia, rompendo com a dinâmica da opressão que leva a reprodução de uma homofobia internalizada, que impede a livre circulação de Eros pelo mundo, ao invés de empurrá-lo definitivamente para fora dos armários.

E que poderoso ter uma visão que também dialogue com a sombra homofóbica, pessoal e coletiva, conduzindo à conscientização, ao reconhecimento do que foi rejeitado e reprimido, buscando integração, entendendo o discurso homofóbico no contexto de uma sociedade heteronormativa e machista. Entender que demonizar a homofobia nos impede de reconhecê-la também em nós mesmos. Levantar bandeiras nos impede de reconhecer

que pode existir dentro de nós mesmos aquilo contra o que lutamos. Afinal, aquele que exclui também pode morar, oculto, dentro de nós, e só através da integração desta parte sombria pode ocorrer a real inclusão do outro.

Finalizando, que delícia ler a respeito da psique andrógina, bissexualidade universal e sobre animus e anima enquanto arquétipos da alteridade, vistos não como opostos, mas como energias diferentes, desfazendo a noção de falta, dependência e simbiose na perspectiva de união e fusão. Ou sobre a persona, vista sob a ótica transgressora de gênero, esteticamente disruptiva, incômoda e não binária. Sobre LGBTfobia como um complexo cultural autônomo que aciona conteúdos incômodos para a coletividade, e entender como o uso inadequado e superficial da teoria junguiana, sem as devidas revisões, pode reforçar complexos culturais, como a LGBTfobia nos círculos sagrados de mulheres ou homens.

E que bela e poética compreensão por meio da imaginação encarnada, aproximando a primeira academia de mulheres, representada por Safo, a poetisa de Lesbos e as iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas, assim como ao seu direito de pertencimento a grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade.

Confesso que me senti contemplada quando, ao final do livro, encontrei ressonâncias para muitos dos meus incômodos em relação ao sagrado feminino. Nada contra, mas é que me sinto frustrada por nunca ter conseguido plantar a lua, visto que menstruava a cada seis meses e hoje tomo anticoncepcionais de uso contínuo devido a um tratamento de ovário policístico. Pensei sobre como realmente é importante e urgente discutir a simplificação dos conceitos da teoria junguiana, devido a sua popularização nos meios esotéricos. A perspectiva do sagrado não binário e o potencial da psique andrógina para construções e vivências livres de gênero e sexualidade me parecem respostas para muitos dos questionamentos que venho carregando há tempos. A referência a Oxumaré, orixá sempre presente em muitos dos meus conteúdos oníricos, como representante da diversidade, androginia e não binariedade me fez terminar esta leitura de alma leve. Arroboboi!



Luciana é psicóloga clínica de abordagem junguiana com olhar transdisciplinar, com 18 anos de experiência em consultório. No momento, está iniciando uma nova formação em análise bioenergética, por acreditar na importância de um corpo consciente e vibrante para uma completa saúde mental e emocional. Ex jornalista, é também astróloga, taróloga, terapeuta floral, reikiana, buscadora espiritual e entusiasta das pesquisas sobre psicodélicos e saúde mental. Apaixonada pela cultura védica, pratica yoga, estuda vedanta, sânscrito e mantras e é tutora de um fox paulispinscher chamado Raul.

## APRESENTAÇÃO

*Clarissa De Franco*

É com imensa alegria que realizo a apresentação desta obra. Logo de partida, agradeço pelas parcerias e contribuições que aqui se estabeleceram, em torno de uma temática tão central nos debates contemporâneos: as revisões e desconstruções dos conceitos de gênero e sexualidade e como tais revisões têm impactado o campo de estudos da Psicologia Analítica ou Junguiana. Agradeço nominalmente às autoras Bárbara Tancetti, Luna Pereira Gimenez, Jessiane Kelly Nascimento de Brito, Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa, e aos autores Carlos Augusto Serbena, Durval Luiz de Faria, Gustavo Pontelo Santos, Raul Alves Barreto Lima e Vicente Baron Mussi, ao lado de quem tive a honra de construir este livro, além da autora Luciana Martins Dias e Silva, que gentilmente nos concedeu seu olhar no prólogo da obra.

As teorias junguianas, diante do debate social e político, são constantemente acusadas de pouco envolvimento. Embora tal cenário esteja se modificando, é importante considerar que o engajamento da área com as temáticas públicas esteve desde Jung envolta em névoas de desconfianças, em função do possível apoio de Jung ao nazismo em um determinado momento da história. Não é nossa tarefa adentrar este debate, tampouco tenho alguma preocupação em defender ou acusar o ser humano Jung. Sua obra fala por si e claramente ela demonstra preocupações coletivas, uma vez que ao postular o inconsciente coletivo, Jung vasculhou e reconheceu a diversidade cultural presente no mundo. Mas ele, como muitos e muitas de seu tempo, padeceu das problemáticas de sua época. Esperamos que ele tenha integrado suas sombras a tempo de contemplar seus erros e reorientar sua consciência.

Junta-se a isso a crítica – que merece nossa atenção – de que a visão clássica de Jung sobre animus e anima teria fornecido subsídios para um reforço aos binarismos de gênero. E provavelmente forneceu. Ressaltamos quanto a isso, dois pontos. O primeiro é que qualquer autor, autora ou autore que tenha vivido e morrido antes da segunda onda feminista ou bem no início dela – como é caso de Jung, que faleceu 1961 – perdeu os debates que trouxeram a concepção de gênero como construção social e de gênero, sexo e sexualidade como conceitos distintos. A noção de orientação sexual e identidade de gênero se popularizou na década de 1990, já na terceira onda dos movimentos feministas. O que quer dizer que a falta de repertório nesse debate é uma questão temporal e não de posicionamento político.

O segundo ponto que quero destacar quanto a isso é que as boas teorias são vivas, permitem ampliações, recriações, reformulações, fornecendo pontos de partida e não de chegada e são possíveis de serem adaptadas às transformações sociais. Para tal tarefa,

estão em processo os trabalhos de pós-junguianas/os/es. Eis a nossa proposta nesse livro: revisar criticamente as teorias junguianas, trazendo novos olhares, sínteses e contribuições, diante do que é possível nossa consciência integrar a partir dos aprendizados culturais contemporâneos. A única vantagem que temos em relação aos nossos e às nossas ancestrais é ter a possibilidade de intervir no debate atual enquanto ele ocorre. Assim, quando as próximas gerações mirarem nosso esforço hercúleo em sair dos binarismos de gênero, creio que pareceremos para elas talvez primárias/os, neandertais do debate. Mas teremos feito um pedacinho da história.

Para compor tal retalho da história, contamos nesse livro com algumas pesquisas, entre elas, a das psicólogas e mestras **Bárbara Tancetti e Luna Pereira Gimenez**: *Feminismos pós-junguianos: revisões das teorias clássicas e novos despontes*, que abre o livro com um panorama histórico dos feminismos, incluindo suas subdivisões contemporâneas e os principais debates acerca dos essencialismos de gênero e de como a visão patriarcal incidiu sobre a pressupostos junguianos. Revisando a teoria junguiana da contrassexualidade e os conceitos clássicos sobre feminino e masculino, anima e animus, Bárbara e Luna aportam diálogos fundamentais com autoras/es como Susan Rowland, David Stacey, Ricki Stefanie Tannen, Qualls-Cobert, Andrew Samuels, James Hillman, entre outras/os/es, de forma a reorientar o olhar analítico para uma compreensão não naturalizada, não essencialista de gênero, que reconheça as diferenças e recomponha o campo imaginal sobre a feminilidade e as mulheres.

O trabalho do psicólogo e doutorando **Raul Alves Barreto Lima** e do psicólogo e professor doutor do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC/SP **Durval Luiz Faria de Souza**, *Psicologia Analítica, gênero e feminismo: o sexismo como complexo cultural*, também visita a psicologia das mulheres, indicando os preconceitos e confusões conceituais ocorridos no imaginário social e nas teorias junguianas quando se atribui às mulheres uma ausência de objetividade, por conta da não identificação com o masculino arquetípico ligado ao Logos, tratado como um aspecto inconsciente e não trabalhado psicologicamente nas mulheres. Raul e Durval evocam o complexo cultural para abordar os problemas sociais e psicológicos envolvidos na visão patriarcal e sexista que atribui às mulheres a noção de “emocionais”. Os autores apontam a interdependência do psicológico e do político, a partir das considerações de Andrew Samuels, de forma a considerar uma revisão ao caráter de literalidade atribuído aos mitos das deusas e, portanto, à psicologia das mulheres. Assim, os essencialismos podem ser substituídos pela compreensão psicopolítica de gênero.

No texto: *Autoconhecimento e feminismo: uma perspectiva junguiana sobre O feminismo é para todos, de bell hooks*, a psicóloga **Jessiane Kelly Nascimento de Brito** discute alguns aspectos do feminismo que desembocam em atitudes “anti-homem”, e acabam por manifestar tendências de movimentos de massa que não integram a sombra coletiva à psique individual. Nesse sentido, a partir do entrelaçamento com apontamentos

de bell hocks e de Marie Louise von Franz e Jung, Jessiane indica a importante e necessária tarefa das mulheres confrontarem seu próprio sexismo e patriarcalismo introjetados em suas psiques.

Já o quarto artigo: *O medo do feminino na homofobia: Uma investigação sobre o discurso homofóbico e sua relação com a visão de gênero dentro da sociedade patriarcal*, da psicóloga **Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa**, do psicólogo e professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná **Carlos Augusto Serbena** e do psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi** abre caminhos para pensarmos na questão da homofobia. O texto apresenta análises de pesquisa realizada com homens, apontando que quase a metade do grupo investigado apresentou posturas classificadas como “intolerantes” em relação a questões de gênero. As análises indicam a reprodução de estereótipos, o que se relaciona com a projeção de aspectos não reconhecidos e não integrados da sombra, além de apontar que grupos que pregam a separação entre gêneros possuem uma grande rigidez psíquica e são tomados pela falta de racionalidade, devido à ausência do Pai arquetípico, mas ainda o evocam para tentar justificar seus posicionamentos, atuando por vezes de forma ambígua com atitudes reativas e emocionais, de forma que o feminino negativo é negado e relegado ao inconsciente. Segundo a autora e os autores, o medo do feminino e a homofobia surgem, portanto, como um sintoma da angústia diante de uma masculinidade provocada a ser reconstruída.

O texto: *Inspirações das “mulheres de Lesbos”*: a imaginação encarnada na defesa de direitos humanos de mulheres lésbicas nos círculos sagrados, da psicóloga e professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de **Clarissa De Franco** (eu, mesma!), compõe o quinto artigo desta obra e aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade. O trabalho foi conduzido tendo como base a metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos que emergem e também da imaginação encarnada, que, em português, costuma ser chamada de imaginação ativa, mas por opção política, o termo do espanhol “imaginación encarnada” foi escolhido. O artigo traz como inspiração as “mulheres de Lesbos” e a poesia de Safo para amarrar tais iniciativas, a despeito de também reconhecer os estigmas e preconceitos que ainda são produzidos e mantidos em alguns destes espaços.

O psicólogo e mestre **Gustavo Pontelo Santos** nos brinda com o poético e corajoso texto: *Eros no armário: notas analíticas sobre a experiência gay*, que lança os inquietantes questionamentos – em primeira pessoa – sobre de que maneira os sujeitos LGBTQIA+, fantasiam e são fantasiados e de que maneira o mundo interior poderia estar vinculado a um mundo exterior que o nega. Tais questionamentos escancaram o quanto a cisheteronorma

está calcada na experiência e no modelo patriarcal. Utilizando a metáfora do armário, Gustavo indica que o armário seria uma metáfora para as tensões da ocultação/revelação da experiência gay, à qual está ligado, no entanto, em função da repressão moral e social. O mito de Eros e Psiquê é trazido como exemplo para identificar o momento em que o “Amor é revelado para a Alma que o julga monstruoso, é ferido por ela, ira-se e precisa de tempo para se curar. Eros se vê fora de seu armário, revelado pelo desenrolar das fantasias sobre sua identidade.” Gustavo conclui, indicando que “é preciso que Eros circule no mundo, fora dos armários e que, portanto, nós os derrubemos. Não se trata aqui apenas do direito ao amor, mas antes do direito de existir”.

Novamente o professor doutor **Carlos Augusto Serbena** e o psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi**, nos oferecem seu olhar em: *Homofobia e repressão do feminino: algumas contribuições da Psicologia Analítica*. O texto aponta que a cura da sombra ligada à homofobia passa, para além do reconhecimento daquilo a que se reprimiu, também pelo Eros, ou seja, pelo estabelecimento de vínculos. Estabelecendo diálogo com James Hillman, os autores indicam é preciso descobrir a capacidade de amar personagens desagradáveis em si mesmo a partir de uma postura que se esvazia da pretensão de virtude diante de atitudes homofóbicas de outras pessoas e responsabiliza-se pela inclusão destas pessoas, admitindo que a sombra da homofobia acompanha outras sombras como a da exclusão e solidão.

Fechando a obra, a psicóloga e professora doutora do Programa de Ciências da Religião da UMESP **Clarissa De Franco** (esta mesma que vos escreve), no texto: *Decolonialidade do saber nas teorias junguianas para o debate de gênero: imagens arquetípicas de um sagrado não-binário como caminho de elaboração do complexo cultural da LGBTfobia*, realiza uma interlocução entre as teorias pós-junguianas, os estudos de gênero e as teorias decoloniais. A proposta do texto parte da perspectiva de decolonizar a área, construindo novas narrativas para o debate de gênero no contexto das análises junguianas. Clarissa passa por revisões dos conceitos de animus e anima e breve análise do papel da persona diante das construções identitárias LGBTQIA+, discussão da LGBTfobia nos círculos sagrados de homens e mulheres e apresentação do conceito de sagrado não binário, articulando tal conceito com a ideia de psique andrógina e finaliza o texto com imagens não binárias, intersexo, e não tradicionais de gênero e sexualidade, que podem auxiliar na construção de repertórios simbólicos para imagens arquetípicas da não binaridade.

Esperamos, com a proposta desta obra, ampliar os caminhos de debate para o campo das teorias junguianas e seu aspecto de análises sociopolíticas, em especial no que tange à temática de gênero, sexualidade e afetividade. Nosso desejo é que Eros possa desvelar-se nu e que encontre acolhida nesse reconhecer a si e ao(à) outro(a).

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

FEMINISMOS PÓS-JUNGUIANOS: REVISÕES DAS TEORIAS CLÁSSICAS E NOVOS DESPONTES

Bárbara Tancetti

Luna Pereira Gimenez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202061>

### **CAPÍTULO 2..... 16**

PSICOLOGIA ANALÍTICA, GÊNERO E FEMINISMO: O SEXISMO COMO COMPLEXO CULTURAL

Raul Alves Barreto Lima


Durval Luiz de Faria

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202062>

### **CAPÍTULO 3..... 36**

AUTOCONHECIMENTO E FEMINISMO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA SOBRE O *FEMINISMO É PARA TODOS*, DE BELL HOOKS

Jessiane Kelly Nascimento de Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202063>


### **CAPÍTULO 4..... 47**

O MEDO DO FEMININO NA HOMOFOBIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DISCURSO HOMOFÓBICO E SUA RELAÇÃO COM A VISÃO DE GÊNERO DENTRO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa

Carlos Augusto Serbena


Vicente Baron Mussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202064>

### **CAPÍTULO 5..... 66**

INSPIRAÇÕES DAS “MULHERES DE LESBOS”: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NA DEFESA DE DIREITOS HUMANOS DE MULHERES LÉSBICAS NOS CÍRCULOS SAGRADOS


Clarissa De Franco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202065>



### **CAPÍTULO 6..... 82**

EROS NO ARMÁRIO: NOTAS ANALÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA GAY

Gustavo Pontelo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202066>



<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>95</b>
HOMOFOBIA E REPRESSÃO DO FEMININO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	
Vicente Baron Mussi Carlos Augusto Serbena	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202067">https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202067</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>115</b>
DECOLONIALIDADE DO SABER NAS TEORIAS JUNGUIANAS PARA O DEBATE DE GÊNERO: IMAGENS ARQUETÍPICAS DE UM SAGRADO NÃO-BINÁRIO COMO CAMINHO DE ELABORAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL DA LGBTFOBIA <sup>1</sup>	
Clarissa De Franco	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202068">https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202068</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>145</b>
<b>SOBRE OS AUTORES E AUTORAS</b> .....	<b>146</b>

## HOMOFOBIA E REPRESSÃO DO FEMININO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Vicente Baron Mussi

Carlos Augusto Serbena

**RESUMO:** Homofobia é o conceito utilizado para designar medo e/ou ódio contra a população homoafetiva. A partir de uma leitura junguiana, esse fenômeno ocorre por meio da projeção inconsciente da sombra, que são os conteúdos que o sujeito não aceita em si próprio. Todo indivíduo e sociedade possui uma sombra. A expressão da sombra coletiva usualmente se dá no aparecimento da figura do bode expiatório. A sociedade patriarcal valoriza mais o que é relacionado ao gênero masculino e possui maior rejeição e negação daquilo que é ligado ao feminino, tornando-o objeto cativo a assumir o bode expiatório. O que ameaça o “masculino” ou se relaciona de forma distinta de seu papel convencional, como a homoafetividade, é visto como anormal e inferior, passível ser atribuído esse lugar, depositário do preconceito e desvalorização social, de onde emerge a homofobia e a repressão do feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homofobia, homoafetividade, sombra, psicologia analítica, projeção.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos as denúncias relacionadas à homofobia no Brasil diminuíram,

seguindo uma tendência mundial, ainda que os números permaneçam altos. O Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil do ano de 2017, realizado pelo Grupo Gay da Bahia, documentou a morte de 329 pessoas do público LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) (GRUPO GAY DA BAHIA, 2019). Esse é o único levantamento anual de violência com LGBT+, o que sugere a falta de dados atualizados sobre o assunto.

Estudos sobre a homofobia auxiliam na compreensão desse fenômeno enquanto processo cultural e psicológico e no desenvolvimento de políticas públicas de combate ao preconceito e à violência. Quando analisado sob o ponto de vista psicodinâmico, as instâncias individuais e coletivas se entropõem, permitindo maior clareza nas motivações subjetivas da homofobia. Particularmente, aspectos subjetivos que são identificados culturalmente com o papel e gênero feminino, tais como passividade e sensibilidade, entre outras, são contrapostos à identidade masculina. Logo, em uma sociedade patriarcal, são desvalorizados e negados em si próprio, habitando o que a psicologia junguiana denomina de sombra, que possui componentes coletivos e individuais. Para sustentar a negação de parte de si mesmo, o indivíduo tende a projetar esta sombra, isto é, atribuir ao outro características presentes em sua própria subjetividade. Nesse sentido, a psicologia

junguiana emerge como uma possibilidade de compreensão teórica para o entendimento da homofobia, pois aponta para a necessidade dos indivíduos integrarem e vivenciarem as características identificadas a ambos os gêneros para seu pleno desenvolvimento. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é analisar a homofobia como projeção da sombra coletiva existente em uma cultura patriarcal.

## UM PANORAMA SOBRE A HOMOFOBIA

A atitude negativa para com outra pessoa devido sua orientação sexual é chamada de preconceito sexual (HEREK, 2000). Homofobia foi pela primeira vez utilizada como termo oficial em 1972, por George Weinberg (WEINBERG, 1972). Sua etimologia vem do grego e significa “homos” – o mesmo – e “phobikus” – sentir medo e/ou aversão a. O conceito se refere ao medo e/ou aversão sentidos frente a indivíduos homoafetivos (JUNQUEIRA, 2007). Homofobia é também a discriminação contra sujeitos que mostram, ou a quem são atribuídas, características do gênero oposto (WELZER-LANG, 2001). O termo homofobia também é interpretado como medo do igual e, conseqüentemente, de si mesmo (CASTAÑEDA, 2007; MELLO, 2005; VON SMIGAY, 2002).

Isto expande o conceito para incluir a ideia de que, na homofobia, se expressa o receio de uma possível homossexualidade no próprio sujeito homofóbico, como se sua identidade sexual não fosse suficientemente assentada e ele incorresse no risco de ver eclodir, em si, um escuso desejo por outros homens (VON SMIGAY, 2002, p. 35).

A homofobia deve ser considerada como uma questão de gênero (como o sujeito se identifica). Por isso, a homofobia está intimamente relacionada “às matrizes normativas de construção de gênero e das identidades sexuais, ampliando seu alcance a todos os indivíduos que se posicionam ou se consideram distantes (em maior ou menor grau) da norma sexual” (LEAL & CARVALHO, 2009, p. 4). A questão da homofobia é um fenômeno social relativo a ações de preconceito e violência (JUNQUEIRA, 2009).

O problema da homofobia é de âmbito mundial e sua origem está ligada ao heterossexismo – a rejeição por qualquer manifestação não heterossexual, que pode ser de caráter psicológico, que considera ações e atitudes individuais, ou cultural, que é de caráter social, manifesta-se por meio de instituições que reproduzem a discriminação (VAN REYK, 1996).

A superioridade e dominação do masculino em relação ao feminino é produtora de homofobia e tem como suporte a cultura do machismo (superioridade do homem em relação à mulher), heterossexismo (heterossexualidade como superior à homossexualidade), heteronormatividade (heterossexualidade como normal em oposição à não-heterossexualidade) e heterocentrismo (heterossexualidade como a única sexualidade

possível e aceitável) (WELZER-LANG, 2001).

A homoafetividade sempre existiu em todas as sociedades (COSTA, 1995). Ser aceita ou não dependia dos costumes e tradições de determinado povo em determinada época (WEEKS, 1999). Alguns autores apontam que o preconceito e a não aceitação da homoafetividade tem suas origens na tradição judaico-cristã (CARDINALI & FREIRE, 2012; SANTOS, 2013). A homofobia só pode ser pensada como tal a partir da criação do discurso da sexualidade heteroafetiva enquanto normal e seu correlato anormal, a homoafetividade (MOITA, 2006; PERUCCHI, BRANDÃO & VIEIRA, 2014; POCAHY & NARDI, 2007; SANTOS, 2013; SOARES, 2006; TEIXEIRA FILHO, MARRETO, MENDES & SANTOS, 2012; TOLEDO & TEIXEIRA-FILHO, 2013).

### A heteronormatividade

expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade e é entendida como um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo [para] aqueles que se relacionam com pessoas do sexo oposto (MISKOLCI, 2003, p. 156).

Houve uma passagem histórica da figura do homoafetivo como pecador para inimigo do Estado, o vagabundo (SANTOS, 2013). A partir do século XIX a homoafetividade deixa de ser um assunto jurídico para ser apropriado pela medicina: surge o termo homossexual e ‘homossexualismo’, com o sufixo da patologia (CARDINALI & FREIRE, 2012; MISKOLCI, 2003). Nesse cenário do século XIX, o homoafetivo era visto como tendo deficiência de moral e como vítima de uma doença degenerativa que favorecia a prática de crimes como abuso infantil e vadiagem, devendo ser tratados (CARDINALI & FREIRE, 2012). A homoafetividade passou a ser intolerável ao buscar publicamente ser equivalente a heterossexualidade e que era (e ainda é) aceita somente na vida íntima/privada do indivíduo (BORRILLO, 2001).

Há três componentes argumentativos da lógica sexual que fundamentam a homofobia: a ideia de que o sexo tem como último fim a reprodução; a divisão naturalista e biológica entre homem e mulher; e a forma de organização da sociedade frente à divisão dos dois sexos (LEAL & CARVALHO, 2009). “Não por acaso, a homofobia age aí, entre outras coisas, instaurando um regime de controle e vigilância não só da conduta sexual, mas também – e, talvez, sobretudo – das expressões e das identidades de gênero” (JUNQUEIRA, 2010, p. 212).

Há na sociedade atual uma equiparação entre gênero e papéis sexuais e, portanto, a sociedade rejeita a ideia de um homem com comportamentos estigmatizados como femininos, e uma mulher com comportamentos masculinos, e que sejam heterossexuais (CARDINALI & FREIRE, 2012). “Tanto o sexismo quanto a homofobia estruturam o medo de abandonar as atribuições de seu grupo sexual” (VON SMIGAY, 2002, p. 38). A divisão

binária entre o sexo e o gênero dá sustentação ontológica à homofobia (TEIXEIRA FILHO, 2011).

Estas concepções se refletem nas teorias psicodinâmicas. Freud (FREUD, 1996) concebe que o menino, ao perceber a falta do pênis na mulher, passa a temer a castração e a desprezar os seres já “castrados”. A permanência do desejo de encontrar o falo no outro associado à constatação de que sua mãe não o possui, desloca o desejo pela mãe para os homens, o que pode, para o autor, causar impotência, misoginia e homossexualidade. A mulher pela falta e que amadurece quando adquire um falo pelo filho. Seu principal dissidente, Jung, fundador da psicologia analítica, concebe a homoafetividade como um desvio do processo de amadurecimento (JUNG, 2013a). Entretanto, ambos relatam que o maior problema ou sofrimento é causado pelo estigma/preconceito da homoafetividade e não por ela em si própria. Ao colocar como condição de integridade psicológica a vivência e integração dos aspectos simbolicamente representados pelo feminino, a psicologia analítica possibilita uma compreensão subjetiva da condição do feminino e da homofobia.

## **HOMOAFETIVIDADE SOB O ENFOQUE TEÓRICO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Como visto, Jung pouco escreveu sobre a homoafetividade em suas obras. Muito disso se deve ao fato de sua atenção estar voltada para o dinamismo do sistema psíquico, com seus símbolos, imagens e processos em qualquer ser humano, independentemente de sua sexualidade. Outro motivo é pelo fato de Jung sempre ter relativizado a importância da sexualidade no entendimento da psique, fato que contribuiu em seu rompimento com Freud (HOPCKE, 1993).

Autores pós-junguianos possuem diferentes concepções sobre a homoafetividade. Um fator em comum é em relação ao cuidado para não patologizar o homoafetivo, explicando apenas as vias de desenvolvimento e as influências arquetípicas que acarretam tal orientação sexual (MESQUITA, 2010).

É possível observar três momentos distintos do pensamento de Jung sobre a homoafetividade (HOPCKE, 1993). No início de sua obra, Jung sugere que o estado homossexual estaria relacionado a uma “condição infantil do caráter” (JUNG, 2013a, p. 122). O autor descreve dois exemplos dessa posição. Ao analisar uma jovem afirma que ela se mantém num “nível homossexual infantil, que, no entanto, lhe serve de defesa” (JUNG, 2013b, p. 99) e ainda, no caso de um jovem, afirma sobre ele: “É incontestavelmente infantil para a sua idade; portanto, um caso de desenvolvimento retardado. Isso explica o homossexualismo, razão pela qual veio procurar-me” (JUNG, 2013b, p. 115).

Jung, que não tratou a homoafetividade como uma doença mental, descreveu três possibilidades desse fenômeno no indivíduo: homoafetividade derivada de um masculino pouco desenvolvido, provavelmente devido a um excessivo envolvimento com a mãe e que

seria vivenciado no fascínio pelo pênis; homoafetividade resultante de um conflito edipiano, que pode se configurar pelo apaixonamento pelo pai e não pela mãe no caso do menino; ou proveniente de uma ferida narcísica, acarretando numa busca de completude para o Self – centro integrador da personalidade que impulsiona o indivíduo para a individuação – através do parceiro (SAMUELS, 1989).

Em um segundo momento, Jung afirma que a homossexualidade pode advir de uma identificação com a contraparte sexual inconsciente, no caso dos homens a *anima* como feminino inconsciente e das mulheres *animus* como masculino inconsciente. Nesse caso, a projeção afetiva ocorre da persona, isto é, do papel social de homem/mulher do sujeito para alguém do mesmo sexo. O outro, o objeto da projeção, é identificado pelo sujeito como portador de algo essencial, que é justamente o que lhe falta enquanto identificação com seu próprio sexo (JUNG, 2013c).

Posteriormente, Jung acrescenta uma análise psicológica mais profunda à questão da homoafetividade. Afirma o autor:

Segundo as descobertas da psicologia, trata-se mais de um desligamento incompleto do arquétipo hermafrodita, unido a uma resistência expressa a identificar-se com o papel de um ser sexual unilateral. Uma tal disposição não deve ser julgada sempre como negativa, posto que conserva o tipo humano originário que, de certa maneira, se perde no ser sexualmente unilateral (JUNG, 2013d, p. 81).

Hopcke comenta essas três fases do pensamento de Jung sobre a homoafetividade. Afirma o autor que a primeira delas, muito ligada ainda à influência psicanalítica, que considerava a homoafetividade adulta como um estado de “imaturidade psicológica, uma fixação ou parada no crescimento psicosssexual, e por essa razão, perturbada” (HOPCKE, 1993, p. 29). Tal imaturidade estaria relacionada ao relacionamento com os pais, em especial com a mãe.

No segundo momento, Hopcke afirma que na homoafetividade, a persona é projetada por causa da identificação da anima. A homoafetividade é avaliada somente a partir dos aspectos positivos e negativos que essa orientação sexual pode produzir no indivíduo, sendo entendida nesse momento como um fenômeno natural, ficando a explicação apenas para a função que a homoafetividade cumpre na personalidade do sujeito. Além disso, pode-se entender em Jung sobre “graus” de homoafetividade, baseado no grau de identificação com a anima, o que pode prejudicar o desenvolvimento psíquico (HOPCKE, 1993).

Hopcke considera a terceira fase da obra de Jung mais madura e complexa. Relaciona a homoafetividade com o arquétipo Hermafrodita, ou seja, da completude, da totalidade, um aspecto do Self.

Aqui, a homoafetividade tem seu próprio significado interno na imagem incestuosa que domina a alma do homem, uma imagem cujo poder reside

em sua ligação com o Self, o arquétipo da totalidade. Essa visão, portanto, vai além da anima/animus para chegar ao arquétipo do Self e encara a homoafetividade como uma tentativa obstinada no sentido de obter a integração psicológica sem um custo pessoal (HOPCKE, 1993, p. 53).

O ser humano possui um aspecto inato de androginia na psique, isto é, aspectos masculinos e femininos estão presentes na psique de todo indivíduo. Tais aspectos, juntamente com influências ambientais, acarretam hétero, homo ou bissexualidade. Essa concepção discorda de que homo ou heterossexualidade teria relação com a maturidade, pois na realidade a individuação levaria ao estado de androginia e ao equilíbrio entre o masculino e o feminino dentro de cada um (SINGER, 1991). O arquétipo andrógino normalmente é reprimido pelos valores culturais. Hopcke afirma que são perceptíveis características e atitudes masculinas e femininas em qualquer pessoa sem que isso defina a priori sua orientação sexual (HOPCKE, 1993).

Em corroboração, Girardello afirma que a integração do masculino pelas mulheres vem se demonstrando nas constantes lutas do movimento feminista, ao mesmo tempo em que os homens têm cada vez mais assumidos seus sentimentos e tarefas que historicamente foram atribuídas às mulheres. O autor ressalta que quanto maior o equilíbrio do homem e da mulher com Yin (feminino) e Yang (masculino), mais perto estarão do potencial andrógino. Por fim, aponta uma nova maneira de se compreender a sexualidade humana, considerando que o masculino e o feminino seriam dois elementos do mesmo arquétipo, andrógino. A única diferença entre os sexos se daria pelo biológico (pênis e vagina) e que todas as outras características atribuídas seriam construções socioculturais internalizadas, que afetam tanto a consciência como os inconscientes pessoal e coletivo. Aponta que essas diferenças seriam desenvolvidas pela necessidade do ser humano da distinção e em termos arquetípicos, da necessidade da separação, da oposição e que só estaria completo ao se “re-unir” (GIRARDELLO, 2010).

McKenzie (2006) critica também as tradicionais teorias a respeito da anima/animus, pois essas visões não dão conta da diversidade de gênero dos dias de hoje, como o transgênero, por exemplo. Assume que em uma fase final de maturidade de gênero haveria o retorno consciente da bissexualidade (como uma emergente fluidez de gênero) e para a integração consciente dos potenciais inatos da masculinidade e feminilidade. A autora aponta em relação ao surgimento do senso de gênero que este se dá muito cedo no desenvolvimento, como um processo de auto-organização. O sentimento de gênero seria um aspecto emergente da mente a partir da experiência de corpo e não a partir de uma herança arquetípica.

Barcellos (2010) afirma que não se pode reduzir a homoafetividade a um problema de desenvolvimento. Nesse caso, com o feminino arquetípico, ou seja, uma identificação com a anima que se baseia no complexo materno. E ainda que cita a especulativa explicação de um fetichismo fálico, resultante da contínua ansiedade de castração. Essas

visões, segundo o autor, sempre remetem a certa imaturidade emocional.

Barcellos também não admite a teoria do arquétipo andrógino como suficiente, por entender que esta reproduz um modelo heterossexista, sendo o arquétipo andrógino passível de ser constelado na psique tanto do hétero como do homossexual.

O "terceiro sexo" é, para mim, um tipo de eros; não uma mistura andrógina transcendente e reconciliadora, mas "outro sexo," outro eros, outra forma do amor – que se sustenta a si mesma, e que, principalmente, deve ser compreendida nela mesma, ou seja, a partir de suas próprias categorias e figurações arquetípicas (BARCELLOS, 2010, p. 52).

Para o autor, a homoafetividade não se encaixa na dicotomia dos gêneros. É um terceiro sexo, eliminando a homoafetividade de teorias de gênero e a colocando como uma questão de Eros, isto, é como uma questão de interesse amoroso, representado metaforicamente por Eros, o deus grego do amor ou paixão. O autor entende que é mais fácil compreender a psique do homoafetivo a partir de uma leitura de Eros e suas diversas expressões na mitologia, nas artes, na história. Essa leitura abarca uma visão arquetípica da homoafetividade, o que permite perceber as sutis diferenciações entre a união dos opostos e a união dos iguais. A união dos opostos parte do pressuposto de que a individuação perpassa pela transcendência dos contrários, ou seja, os contrários que se encontram e se unem em algo unitário. Já a união dos iguais sugere a transcendência dos semelhantes, isto é, de que a individuação necessita da diferenciação a partir do encontro com um igual.

Essas diferenciações certamente se iniciam com o entendimento de que uma "união dos opostos" abriga a fantasia profunda da transcendência dos contrários e atualiza assim um anseio de unificação; e que uma "união dos iguais" abriga a fantasia profunda da transcendência do semelhante, atualizando, portanto, um anseio de diferenciação (BARCELLOS, 2010, p. 54).

O compromisso de afeição e atração é o que sustenta a relação entre iguais e não qualquer discurso institucional. Trata-se de um compromisso que impulsiona para as conexões humanas, sejam elas em qualquer configuração que seja. Portanto, não se fala em homossexualidade no singular, mas sim no plural, homossexualidades (BARCELLOS, 2010).

Sair do armário pode ser considerado como um ato de conversão em direção à natureza mais essencial do indivíduo homossexual, um passo em direção à sua individuação (BARCELLOS, 2010). Nesse sentido, Walker (WALKER, 1991) afirma que a homoafetividade deve ser considerada como mais um modo de ser-no-mundo, e que a individuação do homoafetivo vai perpassar o significado da homoafetividade para o sujeito, sem, no entanto, qualquer tentativa de "explicação" dos motivos biográficos que justificassem a orientação sexual. Da mesma forma que o heterossexual, o homoafetivo é um sujeito que se coloca no mundo dessa maneira e precisa ser aceito tal como é. O autor



também traz a noção de que o mundo interno do homoafetivo é homoafetivo, ou seja, a orientação da sua libido, a anima, o Self, todos os personagens internos são orientados a partir da homoafetividade em contraparte à heteroafetividade.

Compreender que dentro de si é possível encontrar características mais aceitas socialmente quando presentes sexo oposto é uma tarefa essencial no processo de desenvolvimento da personalidade e de uma sociedade mais humanizada. Ocorre que, inicialmente, essas qualidades aparecem ao indivíduo como pertencentes à outra pessoa ou grupo social, um fenômeno que Jung chamou de projeção.

## **ACEITAÇÃO DE SI E DO MUNDO: SOMBRA, PROJEÇÃO E HOMOFOBIA**

Jung identificou que no desenvolvimento da personalidade alguns valores e aspectos da personalidade são reprimidos em prol de um ego idealizado. Esse fenômeno é natural e essencial para a construção da identidade do sujeito. Na idade adulta se torna necessário o confronto com tais características, denominadas por Jung como constituintes da estrutura da personalidade chamada sombra (JUNG, 2013d).

“O termo *sombra* refere-se àquela parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal. Uma vez que todas as coisas inconscientes são projetadas, encontramos a sombra na projeção – na nossa visão do ‘outro’” (WHITMONT, 1991a, p. 36). Quando os sujeitos se identificam com determinadas características de personalidade reprimem tudo o que é oposto e que não se adéquam ao ideal de personalidade, formando assim a sombra. “O ego e a sombra, portanto, desenvolvem-se aos pares, criando-se mutuamente a partir da mesma experiência de vida” (ZWEIG & ABRAMS, 1991, p. 16). A sombra determina aquilo que pode ser expresso e aquilo que não pode. A sombra é percebida no indivíduo como não-eu. “Esse escuro tesouro inclui a nossa porção infantil, nossos apegos emocionais e sintomas neuróticos bem como nossos talentos e dons não-desenvolvidos” (ZWEIG & ABRAMS, 1991, p. 16).

“Na sombra vive tudo o que não quer ou não pode se adaptar aos costumes e convenções, assim como às leis religiosas e civis [...]” (JAFFÉ, 1989, p. 86). A sombra normalmente é formada a partir do sistema cultural de valores em que vivemos. Em determinadas sociedades e tempos são permitidos certos comportamentos – como a expressão da sexualidade, por exemplo – em outras não. Pelo fato do contato com a sombra ser muito difícil para o sujeito, pois são características não aceitas sobre si mesmo, o processo natural se dá percebendo a sombra no mundo externo, como fora de si, em características de outras pessoas que não se tem apreço ou não, acarretando em aversão ou admiração pelo outro, processo este chamado de projeção. De forma geral, pode-se colocar que há projeção da sombra quando se constata um afeto exagerado ou muito inadequado envolvido, seja ela positiva ou egodistônica, isto é, agradável e em sintonia

com o ego ou negativamente, em oposição ou desagradável. Observa-se que sentimentos envolvidos frente ao que é projetado estão diretamente associados à intensidade afetiva com que se reprimiram ou negaram tais aspectos (ZWEIG & ABRAMS, 1991).

Estes aspectos reprimidos da personalidade, por não serem aceitos pelo sujeito, tendem a ser observados como externos a ele, como totalmente outro, sendo altamente resistente ao seu reconhecimento. “De modo geral, estas resistências ligam-se a projeções que não podem ser reconhecidas como tais e cujo conhecimento implica um esforço moral que ultrapassa os limites habituais do indivíduo” (JUNG, 2013e, p. 20). A consequência de permanecer com as projeções é a vivência de uma realidade ilusória, implicando em um isolamento do sujeito em relação com o mundo exterior.

O sentimento d'incomplétude (sentimento de incompletude) que daí resulta, bem como a sensação mais incômoda ainda de esterilidade são explicados de novo, como maldade do mundo ambiente e, como este círculo vicioso, se acentua ainda mais o isolamento (JUNG, 2013e, p. 21).

A projeção em si não é uma patologia, é um fenômeno que ocorre de forma natural e sem interferência da consciência. Consequentemente, além do sujeito não conseguir impedi-la, não sabe que ela está acontecendo. Dá-se quando um conteúdo inconsciente de um indivíduo ou de um grupo se apresenta a ele como pertencente a outro objeto, indivíduo ou um grupo, por exemplo. Esse conteúdo inconsciente é negado pelo indivíduo como seu e então repassado a outrem. Visto que o inconsciente não pode ser integrado diretamente à consciência, a primeira forma de aparecer é na projeção (JUNG, 2013f).

Sendo assim, a projeção acontece quando a consciência não percebe que pode estar sob influência do inconsciente e, portanto, considera que consegue perceber a realidade objetiva ao seu redor (GAMBINI, 1988).

Há duas atitudes diante do objeto: a) empatia, na qual um sentimento do próprio sujeito é sentido como se fosse do objeto, como se o objeto fosse vazio e precisasse ganhar vida com o que é do sujeito; b) abstração: percebe-se o objeto como perigosamente cheio de vida e o sujeito quer afastar-se dessa influência. Essas atitudes, como conscientes, são primeiramente projeções inconscientes (GAMBINI, 1988). Na dinâmica da homofobia é a segunda atitude que opera.

O preconceito se encontra no primeiro estágio da projeção, no qual não há diferenciação entre os aspectos reprimidos do sujeito e o homoafetivo, objeto da projeção. Encontrar um objeto que forneça uma complementação para as projeções gera tensão e conflito. O medo, a raiva, o ódio, e qualquer outro sentimento com carga afetiva elevada em relação ao outro deve ser entendido psicologicamente com um sentimento que se trata de si próprio e está sendo projetado no outro (GAMBINI, 1988). Deste modo, há uma identificação e não-diferenciação com o que é externo ao sujeito, fenômeno chamado de “participação mística”. Dependendo do grau de homofobia, o sujeito não consegue identificar diferenças

entre sua concepção inicial e o comportamento real do objeto. Posteriormente, a projeção pode ser percebida como uma ilusão, ocorrendo um julgamento moral e ético sobre a projeção (no caso o seu preconceito). Ocorrendo o reconhecimento, ele pode tornar-se consciente da sua projeção. Há então um “reconhecimento da realidade da psique”, isto é, percebe-se em si características e qualidades anteriormente negadas e projetadas no outro, no caso, nos homoafetivos.

Sobre a psicodinâmica da sombra, pode-se afirmar que a sombra pessoal aparece na opinião dos outros sobre si, nos lapsos verbais e de comportamento, no senso de humor, nos sonhos, devaneios e fantasias (MILLER, 1991). Também no sentimento exacerbado frente aos outros, em algum efeito perturbador que se exerce em pessoas diferentes, na impulsividade e atos não intencionais, em situações de humilhação e na raiva exacerbada em relação aos erros dos outros (ZWEIG & ABRAMS, 1991), fenômenos que revelam a autonomia da sombra sobre o sujeito.

Já a sombra coletiva pode tomar a forma de fenômenos de massa, pelo processo inconsciente da “participação mística”. Nesse processo, há total identificação do sujeito com o objeto (seja físico ou imaterial, como uma ideia), sendo impossível a diferenciação moral entre si próprio e a percepção do objeto. Nesse sentido, a sombra coletiva se expressa quando há a identificação das pessoas com uma determinada ideologia ou com um líder que demonstre os temores da sociedade. Quando então um outro grupo carrega o “gancho” para a projeção, ou seja, as características rejeitadas pelo coletivo, está aberta a possibilidade de expressão do mal (ZWEIG & ABRAMS, 1991).

Nesse sentido, pode-se inferir que a sombra de indivíduos homofóbicos está carregada de aspectos reprimidos da sua própria personalidade, que são encontrados e projetados no público LGBT+. Ao se deparar com tais aspectos o sujeito entra em conflito, negando o que é seu e projetando no outro. Tenta-se dessa forma eliminar e afastar de si o que não é aceito como pertencente ao Eu. A expressão violenta da homofobia reflete a tentativa de eliminar por completo a ameaça de entrar em contato com esses aspectos reprimidos, pois se não existe no outro, se não há em quem projetar, conseqüentemente a experiência da tensão é reduzida. Ocorre que, quando aspectos sombrios são projetados o risco de manifestações sociais violentas aumenta.

Nesse sentido, pode-se ver o mundo como um grande palco para a expressão de uma sombra coletiva. Quando determinados grupos optam por viver de acordo com práticas rejeitadas socialmente, eles se tornam alvo de projeções, dessa forma a sombra assume formatos já conhecidos, como o racismo, por exemplo. A incessante busca do bode expiatório ou do inimigo da civilização é a expressão dessa sombra, que pode assumir poderes hipnóticos e de contágio (ZWEIG & ABRAMS, 1991) eliminando a empatia e o reconhecimento do outro como sujeito, ao eliminar o outro elimina-se o que se nega em si próprio. A sombra coletiva se manifesta elegendo um bode expiatório, para expiar a culpa

coletiva ou o “mal”, e se organiza por meio de complexos culturais.

## **BODE EXPIATÓRIO**

Complexos culturais são agregados de ideias e imagens carregadas emocionalmente e que se agrupam em torno de um núcleo arquetípico e são compartilhados por sujeitos dentro de uma identidade coletiva. As experiências acumuladas historicamente por esse grupo funcionam como autoafirmação para a psique coletiva e individual dos membros do grupo. Os complexos culturais também são responsáveis pelo senso de identidade e de pertencimento de um grupo e de diferenciação com outros grupos (SINGER, 2010). Quando o principal afeto constelado na psique do grupo é o medo, tal como na homofobia, o grupo elege um bode expiatório, papel ocupado, historicamente, por diversos grupos, como negros, judeus e, também, os homoafetivos.

Na profundidade do medo existe um Eros. Medo no amor e medo de amar, medo do igual (homo) (HILLMAN, 1984). Esse medo do igual pode progredir para sentimentos intensos de ódio, rechaços quase paranoicos e comportamentos violentos. Sendo assim, é possível afirmar que a homofobia segue os padrões das fobias de forma geral: “medo intenso, associado a repulsa, que leva gradativamente a um empobrecimento da vida emocional e do comportamento social” (BARCELLOS, 2010, p. 46). Essa ferida corrói o sujeito de dentro para fora, atingindo inclusive homoafetivos, que acabam internalizando a homofobia, sujeitando-se à personas inadequadas a si próprio. Esse indivíduo, que não é aceito socialmente, possivelmente terá dificuldade em aceitar sua condição homoafetiva, visto que está identificado com a rígida persona heteroafetiva. Deste modo, não aceita a si próprio e não poderá construir um relacionamento no qual amor (afeto e sentimento) e sexo (desejo biológico) estejam juntos, em que Eros (paixão ou desejo) esteja presente, pois afinal a ele é ensinado que seu Eros (sua inclinação homoafetiva) é seu inimigo caindo o próprio amor na sombra.

Em relação ao bode expiatório, essa figura aparece sob a influência judaico-cristã na cultura ocidental na figura de Cristo, que vem ao mundo para expiar os pecados de todos. O ser humano se sente culpado e rejeita todo seu lado sombrio, instintivo. A culpa e a expiação são a justificativa ética da agressão ainda nos dias de hoje. A agressão pode ter dois destinos: o próprio ser culpado ou um outro, na qual a culpa é projetada. A partir do momento em que não se pode pecar, só se é permitido ser bom, todo o mal é reprimido. Ocorre que não se domina o que é negado. Sendo assim, como defesa básica, todo o mal da natureza humana é visto no outro, através da projeção. “Constantemente na defensiva perante a hipócrita atitude de bode expiatório que se aninha em nós e nos outros, somos impedidos de lidar de modo realista com aspectos de sombra de nossa realidade humana” (WHITMONT, 1991b, p. 124).

O desenvolvimento patriarcal, de uma sociedade que privilegia o gênero masculino, acabou por confundir o que era para ser banido – os desejos e toda a maldade – e optou pela destruição. Nesses termos, destruir é a repressão no inconsciente. Já banir seria acolher tal faceta humana, mas optar por não utilizá-la, desidentificar-se. “Implica a separação consciente entre impulsos e volição, a escolha eticamente responsável de uma ação praticada com consciência de suas consequências”. Reprimir está associado ao sentimento de culpa por perceber determinado impulso, então se opta por eliminá-lo. Banir se refere a escolher não manifestá-lo, ou ainda fazê-lo de forma criativa. A repressão em níveis extremos caracteriza uma dinâmica psicopatológica do complexo do bode expiatório, que então é projetado naqueles em que a sociedade julga como “culpados”. “Baseado nos ditames vigentes do superego cultural, o ego arroga-se a autoridade de ser capaz de decidir que é bom ou mau para si, para os outros e para o mundo em geral” (WHITMONT, 1991b, p. 128). A consequência para o sujeito é a alienação de si mesmo e da sociedade.

A polarização entre quem acusa e o acusado está na base da psicologia ocidental do bode expiatório. Na ânsia de um ideal coletivo de perfeição, qualquer dificuldade encontrada precisa de um culpado, o bode expiatório. Para existir alguém que esteja totalmente correto se faz necessária a existência de seu oposto, o pecador, para que aqueles se sintam superiores. O que é mau precisa ser corrigido. A compulsividade desse formato de relação traz sérios riscos para o bem-estar coletivo. Dentro da cultura ocidental está exacerbado aquilo que o ser humano deve ser, mas muito pouco é falado daquilo que ele realmente é. Uma das possíveis soluções psíquicas para o conflito entre o que se imagina ser e o que se é realmente é a racionalização dos atos. Esse cenário abriu precedente para todo o tipo de preconceito, guerras, escravidão, violação dos direitos humanos, pois o mal precisa ser expiado para a purificação dos justos (WHITMONT, 1991b).

Whitmont afirma que faz parte da natureza humana a tentativa de dominação e manipulação da vida. Da mesma forma, exercemos o mesmo controle sobre a vida do outro, “para garantir nossas necessidades e dar sustentação à nossa insegurança”. O autor alerta: “Não podemos mais nos dar ao luxo de tratar nosso mundo e nossos semelhantes como objetos passíveis de serem explorados” (WHITMONT, 1991b, p. 138).

## **HOMOFOBIA E A REPRESSÃO DO FEMININO**

Do ponto de vista social, as masculinidades hegemônicas, ou seja, práticas que possibilitam a dominação dos homens sobre as mulheres, ditam as normas de conduta para o sexo masculino. Há, inclusive, uma hierarquia de masculinidades, que sustentam a violência e o preconceito de homens heterossexuais para com homoafetivos. A manutenção desses padrões hegemônicos necessita do policiamento dos próprios homens, bem como a exclusão e o descrédito das mulheres e do feminino, que pode se manifestar por meio da

homofobia (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013)., como se verá a seguir

Quando se fala em masculino e feminino é necessário diferenciar esses aspectos do ponto de vista biológico/sexual e do ponto de vista arquetípico. O órgão sexual determinará biologicamente o sexo do sujeito. Porém, ambos os sexos, homens e mulheres, possuem arquetipicamente traços de masculinidade e feminilidade. Normalmente, estes se expressam de forma dominante no sexo correspondente, mantendo inconsciente seu oposto, o que não é uma regra e depende de variáveis biológicas, psicológicas e sociais. Os traços masculinos na mulher são chamados de animus e os traços femininos no homem são chamados de anima, como propôs Jung inicialmente. Nos tempos de hoje, fica mais coerente a aplicação desses termos como masculinidade e feminilidade arquetípicas, respectivamente, independentemente de se estar falando em homens ou mulheres (WHITMONT, 1991b).

A filosofia chinesa traz a concepção do masculino como Yang e do feminino como Yin. Ao Yang foram atribuídas as seguintes características: dia, tempo, história, intelectual, explícito, analítico, linear, sequencial, focal, causal, argumento, abstração, hemisfério cerebral esquerdo. Ao Yin foram atribuídas as oposições: noite, eternidade, atemporalidade, sensual, tácito, Gestalt, não-linear, simultâneo, difuso, intuitivo, sincronicidade, experiência, empatia, envolvimento, hemisfério cerebral direito (WHITMONT, 1991b).

Whitmont aponta que numa sociedade cristã onde se valoriza o ego patriarcal, o feminino é visto como algo inferior, que precisa ser reprimido, e é exatamente isso que se tem observado em mulheres que reprimem sua feminilidade e, também, nos homens que excluem totalmente seu lado feminino. O cerne de tal desvalorização se encontra na deslegitimação do aspecto mágico-mitológico do feminino e na valorização da força física, atribuída como naturalmente mais presente nos homens. Houve uma necessidade histórica em separar o mundo mágico-mitológico do ego nascente consciente e racional, para o desenvolvimento do mesmo. Essa conquista teve seu preço: “a perda do elo de ligação com o *continuum* vida-morte de existência, e a experiência de si mesmo como um forasteiro num mundo sem sentido” (WHITMONT, 1991b, p. 164). Esse primeiro como consequência do esquecimento de rituais e da desvalorização do mitológico. E o segundo como perda da interioridade em detrimento do movimento extrovertido em busca da racionalidade científica.

Além disso, a repressão da feminilidade teve forte influência do discurso religioso, que atribuiu historicamente à mulher como sedutora ao pecado e, portanto, que deveria ser evitada e subordinada ao homem, com sua intelectualidade.

A misoginia e a androlatria, por conseguinte, estão indissolúvelmente entrelaçadas às convicções e crenças religiosas defendidas durante os últimos quatro mil anos, ou mais. Essas ideias religiosas passaram à categoria de padrões aceitos. Por força de mero poder de sugestão e consentimento

cultural, impuseram-se inclusive àquelas que deveriam acolher as projeções de sua suposta inferioridade, ou seja, as próprias mulheres. A degradação provoca autorrejeição, a identificação com a imagem de inferioridade e o ódio dirigido contra si (WHITMONT, 1991b, p. 144).

De todas as qualidades potenciais do feminino, a única aceita e acatada pela sociedade patriarcal foi a maternidade (WHITMONT, 1991b). Sendo assim, a feminilidade pode ser considerada como um dos objetos passíveis de projeção do preconceito sexual.

Stein (1978) apresenta dois arquétipos que enriquecem esse entendimento, os noção de espírito Fálico e espírito Uterino. O espírito Fálico (Phallos) é essencial tanto para o homem como para a mulher, pois é ele que incita o movimento, a iniciativa, a criação. Ocorre, porém, que devido à incapacidade de Phallos em se relacionar intimamente com qualquer coisa que seja, necessita de Eros para seu perfeito funcionamento. Eros é justamente essa capacidade de criar vínculos, de entrar em relacionamentos frutíferos. Para tal, é necessário que o homem, com sua predominância Fálica, esteja aberto e receptivo para desenvolver novos aspectos de sua personalidade. Abertura e receptividade são qualidades arquetipicamente do feminino, do espírito Uterino. Com a repressão do feminino na cultura, cada vez mais o homem é impelido a manter essas características inconscientes e primitivas. A consequência psicológica dessas atitudes é a fixação fálica e a associação errônea da feminilidade uterina com a impotência. O homem para ser pleno precisa se libertar dessas sensações e “ser capaz de mergulhar fundo na *força* de seu próprio desejo de ser fertilizado” (p. 132).

Whitmont (1990, p. 177) alerta para os problemas decorrentes do medo da alma, os quais são expressos pela constante “masculinização” do mundo, definindo papéis para as mulheres, como a maternidade e as responsabilidades do lar. O autor comenta que houve um fracasso cultural em se integrar o mundo do Yin conduzindo à “difundida rigidez de atitudes mentais dogmáticas abstratas, resultando na nossa sociedade atual, que é estéril, dissociada do sentimento e do instinto e super-racionalista”.

A agressividade frente aos homoafetivos revela nada mais do que a dificuldade interna do agressor em conseguir perceber como suas as manifestações que não são da ordem do masculino. Retrata o medo do agressor para com o feminino em si mesmo (CASTAÑEDA, 2007). O preconceito difundido sobre os homoafetivos hoje é produto do estigma social, e cumpre funções de segregar este outro e de não refletir sobre o diferente. A imagem de contraste exercida pela homoafetividade emerge para a heterossexualidade a função de superior, o que agrada a muitos, pois mantém o sujeito numa inércia, sem que o mobilize para transformações. Além de manter a sociedade conservadora e mantenedora dos papéis sexuais definidos socialmente (BADINTER, 1993).

O preço que se paga frente a isso é o surgimento repentino de um afeto excessivo, deslocado da situação em si, vivenciado pelo sujeito como um conflito que não pode ser

aceito e integrado e então ele projeta no outro, no homossexual, e reage com desprezo e violência frente a esse outro, que representa todo o seu conflito interno, sua rejeição ao não masculino, seu medo frente ao feminino. A homofobia permite ao heterossexual a sensação de estar a salvo da homoafetividade (CASTAÑEDA, 2007).

A homofobia então revela nos indivíduos homoafetivos uma ferida narcísica, ou seja, uma depreciação na percepção da autoimagem, que gera muito sofrimento individual, além de se estender para uma ferida na alma do mundo, isto é, uma sociedade que desvaloriza a homoafetividade e o feminino em detrimento da primazia do masculino e do patriarcado é uma sociedade que está doente. Entretanto, heterossexuais também sofrem com a homofobia, pois esta, como já observado, ataca o feminino.

Os homens são ensinados a se afastar uns dos outros, há medo da intimidade com o próprio corpo e da intimidade na relação com outros homens, relacionado a uma dificuldade, frequentemente um impedimento, de expressar afeto abertamente - o que acaba por influenciar, desastrosamente muitas vezes, até mesmo a relação entre pais e filhos (BARCELLOS, 2010, p. 46).

A homofobia poderia ser caracterizada por um medo de assumir socialmente que há aspectos do animus e da anima formando todos os indivíduos. Isso se daria porque as características do animus (como ser ativo, racional, lógico, agressivo) seriam socialmente aceitas quando demonstradas por homens e rejeitadas quando aparentadas por mulheres; assim como as características da anima (passiva, flexível, tolerante, sentimental, intuitiva, protetora) só seriam toleradas quando exibidas em mulheres (WHITMONT, 1990).

Percebe-se que existem diversos fatores psicológicos - não somente da ordem do sexual, mas da ordem do respeito, da igualdade, entre outros - que se mascaram sob discursos ideológicos, religiosos, e por vezes, irracionais. O movimento crescente de expressão homofóbica parece se dar pelo fato dos homofóbicos serem despertados a entrar em contato com aspectos sombrios ao precisarem conviver com o público LGBT+. Nisso, recaem medos e inseguranças que os indivíduos não estão preparados para lidar, pois o outro, visto como um não-eu, pode ser considerado uma ameaça, devido às fortes contradições internas do ego e então ocorre a projeção, com a mesma intensidade agressiva com se rejeita tais fatores internos a si próprio. A solução desse conflito se encontra nele próprio, a partir do recolhimento das projeções e aceitação de si.

De forma análoga, também não basta para a sociedade reprimir ou criminalizar a homofobia, mas também reconhecer nela um indicativo e sintoma da repressão ou negação de características ligadas ao gênero feminino e a carência de Eros, isto é de relações e ligações afetivas, no seu corpo social.



## CONSCIÊNCIA DA HOMOFOBIA COMO ABERTURA DE POSSIBILIDADES

Neste sentido a homofobia aponta tanto para os indivíduos homofóbicos, quanto para a própria sociedade. Se a criminalização da homofobia é necessária, ela não é suficiente para abarcar ou tocar outras feridas ou demais aspectos da sombra coletiva.

“Na dança diante do espelho, encontramos uma falsa paz interior ao demonizar o inimigo. Mas reconhecer que até mesmo um inimigo realmente demoníaco é feito da mesma substância que nós, faz parte do verdadeiro caminho em direção à paz” (SCHMOOKLER, 1991, p. 212). O uso da palavra inimigo aqui faz referência ao conflito interno vivido pelo homofóbico ao se deparar com o homossexual. Tudo o que é rejeitado em si mesmo será visto como inimigo fora de si. O caminho do desenvolvimento da personalidade, o processo de individuação, perpassa pelo confronto consciente e empático com as próprias qualidades e características que são desprezadas ou negadas, isto é, com a própria sombra. Mesmo os aspectos positivos da sombra são, em primeira mão, primitivos e inadaptados, e foram reprimidos devido à própria moral que o sujeito atribui para si. Porém, é justamente na sombra que se podem encontrar potencialidades para o desenvolvimento enquanto indivíduo (TOUB, 1991). Sob o enfoque do indivíduo homofóbico, essas potencialidades podem vir a ser o feminino reprimido no sujeito.

“Chamamos de ‘trabalho com a sombra’ o processo consciente e intencional de admitirmos aquilo que havíamos optado por ignorar ou reprimir. A terapia exige a recuperação de tudo o que havíamos rejeitado em nome do nosso ideal do ego” (ZWEIG & ABRAMS, 1991, p. 261). Nesse sentido, o trabalho com o homofóbico deve permitir o reconhecimento daquilo que foi rejeitado e reprimido, buscando assim reconciliar essas partes da personalidade.

Hillman traz dois aspectos fundamentais no contato com a sombra. Primeiro, que essa aproximação se trata de uma questão moral, tanto individual como socialmente. E segundo, que a cura da sombra perpassa pela necessidade de Eros, ou seja, do sujeito conseguir criar vínculos, o que pode ocorrer num processo psicoterapêutico (HILLMAN, 1991), mas também em qualquer relacionamento humano.

A cura da sombra é, por um lado, uma questão moral — ou seja, o reconhecimento daquilo que reprimimos, o modo como efetuamos essas repressões, a maneira como racionalizamos e enganamos a nós mesmos, a espécie de objetivos que temos e as coisas que ferimos (ou até mesmo mutilamos) em nome desses objetivos. Por outro lado, a cura da sombra é uma questão de amor. [...] quando nos aproximamos de nós mesmos para curar essas firmes e intratáveis fraquezas congênicas de obstinação, cegueira, mesquinhez, crueldade, impostura e ostentação, defrontamo-nos com a necessidade de todo um novo modo de ser; nele, o ego precisa servir, ouvir e cooperar com um exército de desagradáveis figuras da sombra e descobrir a capacidade de amar até mesmo o mais insignificante desses traços (HILLMAN, 1991, pp. 264-265).

Sobre a questão moral, Barcellos (2010) afirma que o discurso do homofóbico deve ser entendido em todo amplo contexto da sociedade heteronormativa e machista. “Os discursos que chegam aos nossos consultórios [de psicoterapia] devem ser entendidos como discursos de abuso, ou seja, discursos que refletem desonra, violência, afronta” (p. 49).

Colocar a consciência da homofobia enquanto possibilidade de crescimento alerta para o cuidado em não demonizar a própria homofobia, senão corre-se o risco de não reconhecer a própria parcela de condição de homofóbico, o que nesse caso, estaria na sombra do sujeito. Além disto a demonização da homofobia mostra a outra face da mesma questão, a dificuldade de vinculação e criação de laços com os outros, isto é, a falta do princípio de Eros.

Os opostos sempre caminham juntos, uma consciência positiva terá uma sombra negativa e vice-versa. Isso implica em certo cuidado ao levantar bandeiras, da necessidade de reconhecer dentro de si a própria condição de possibilidade pela qual se luta contra. Assim, a luta pelos direitos, igualdade e reconhecimento do outro, seja homoafetivo, ou de qualquer outro grupo excluído implica em reconhecer em si a possibilidade de exclusão do outro – a nossa própria sombra, a fim de evitar uma moral ou virtude também excludente. Isto não significa aceitar a homofobia, mas perceber a nossa possibilidade de exclusão do outro e, também, da dificuldade de aceitar e tocar o outro (homofóbico) em sua humanidade para que ele inicie um diálogo com a sua sombra, feminina e homoafetiva, dentro de si, possibilitando a sua integração. Somente assim poderá se dar a verdadeira inclusão, aquela que se esvazia da pretensão à virtude ao admitir que é excludente e se justifica ao responsabilizar-se pela inclusão do outro.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, E. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARCELLOS, G. O amor entre parceiros do mesmo sexo e a grande tragédia da homofobia. *Cadernos Janguianos*, n. 6, p. 42-57. 2010.

BORRILLO, D. *Homofobia*. Espanha: Edicions Bellaterra, 2001.

CARDINALI, D. & FREIRE, L. O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 12, p. 37-63, dez. 2012.

CASTAÑEDA, M. *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CONNELL, R. W., MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan/abr. 2013.

COSTA, J. F. *A face e o verso – estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Ed. Escuta, 1995.

FREUD, S. *Cinco Lições de Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. IX). Rio de Janeiro: Imago: 1996.

GAMBINI, R. *O Espelho Índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

GIRARDELLO, R. T. *Ganimedes esquecido: reflexões sobre a homoafetividade em psicologia analítica*. 2010. Monografia (Especialização em Psicologia Analítica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PR, Curitiba, Brasil.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Relatório 2019: Assassinatos de LGBT+ no Brasil*. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>, 2019.

HEREK, G. The psychology of sexual prejudice. *Current directions in psychological science*, v. 9, n. 1, p. 19-22, fev. 2000.

HILLMAN, J. *O mito da análise: três ensaios de psicologia arquetípica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HILLMAN, J. A cura da sombra. In: ZWEIG, C. & ABRAMS, J. (org.). *Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 264-265.

HOPCKE, R. *Jung, Junguianos e a Homoafetividade*. São Paulo: Siciliano, 1993.

JAFFÉ, A. *O mito do significado na obra de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1989.

JUNG, C.G. *Freud e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, C.G. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, C.G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 2013c.

JUNG, C.G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2013d.

JUNG, C.G. *Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2013e.

JUNG, C.G. *Ab-reação, análise de sonhos e transferência*. Petrópolis: Vozes, 2013f.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Revista Bagoas*, v. 1, n. 1, p. 1-22. 2007.

JUNQUEIRA, R. D. *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Unesco, 2009.

JUNQUEIRA, R. D. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. *Revista Espaço do Currículo*, v. 2, n. 2. 2010.

LEAL, B. S., & CARVALHO, C. A. de. Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar. *E-compós*, v. 12, n. 2, p. 1-15, 2009.

MCKENZIE, S. Queering gender: anima/animus and the paradigm of emergence. *Journal of Analytical Psychology*, v. 51, n. 3, p. 401-421, maio. 2006.

MELLO, L. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Brasília: Garamond, 2005.

MESQUITA, R. *Homoafetividade e homofobia internalizada*. 2010. Monografia (Analista Junguiano pelo Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul) – Associação Junguiana do Brasil, Porto Alegre RS, Brasil.

MILLER, W. A. O encontro da sombra na vida cotidiana. In: ZWEIG, C. & ABRAMS, J. (org.). *Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.

MISKOLCI, R. Reflexões sobre normalidade e desvio social. *Estudos de Sociologia*, v. 7, n. 13/14, p. 109-126. 2003.

MOITA, G. A patologização da diversidade sexual: Homofobia no discurso de clínicos. *Revista crítica de ciências sociais*, n. 76, p. 53-72, dez. 2006.

PERUCCHI, J., BRANDÃO, B. C., & VIEIRA, H. I. dos S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*, v. 19, n. 1, p. 67-76, jan/mar. 2014.

POCAHY, F. A.; NARDI, H. C. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e cena: vulnerabilidade social. *Estudos Feministas*, v. 15, n. 1, p. 45-66, jan/abr. 2007.

PORTAL BRASIL. *Luta contra homofobia avança na última década*. Retirado de Portal Brasil em 09/06/15: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/05/luta-contra-homofobia-avanca-na-ultima-decada>, 2015.

REYK, P. V. Homophobia, Hate and Violence Against Lesbian and Gays in NSW: An Overview of Some Studies. In: *AIC CONFERENCE PROCEEDINGS*. Australian Institute of Criminology, 1996. p. 101-104.

SAMUELS, A. *Jung e os pós-junguianos*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SANTOS, D. K. dos. As produções discursivas sobre a homoafetividade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. *Revista EPOS*, v. 4, n. 1, p. 1-25, jun. 2013.

SCHMOOKLER, A. B. O reconhecimento da nossa cisão interior. In: ZWEIG, C. & ABRAMS, J. (org.). *Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 211-216.

SERRA, C de A. De Sodoma à Samaria: Cristianismo, homofobia e alteridade no Brasil. In: Boechat, W. (org.) (2014). *A alma brasileira: luzes e sombra*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 94-113.

SINGER, J. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo: Cultrix, 1991.

SINGER, T. The transcendent function and cultural complexes: a working hypothesis. *Journal of Analytical Psychology*, v. 55, n. 2, p. 234-240, abr. 2010.

SOARES, A. S. F. A homoafetividade e a Aids no imaginário das revistas semanais (1985-1990). *Fragmentum*, v. 7, n. 13/14, p. 109-126, abr/jun. 2006.

STEIN, R. *Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia*. São Paulo: Símbolo, 1978.

TEIXEIRA FILHO, F. S. Homofobia e sua relação com as práticas 'psi'. *Cadernos temáticos CRP/SP*, n. 11, p. 41-57. 2011.

TEIXEIRA, F. S.; MARRETO, C. A. R.; MENDES, A. B. & SANTOS, E. N. dos. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 32, n. 1, p. 16-33. 2012.

TOLEDO, L. G. & TEIXEIRA-FILHO, F. S. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 65, n. 3, 2013.

TOUB, G. A utilidade do inútil. In: ZWEIG, C. & ABRAMS, J. (org.). *Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 273-277.

VON SMIGAY, K. E. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em Revista*, v. 8, n. 11, 32-46, jun. 2002.

WALKER, M. L. Jung and homofobia. *Spring*, v. 51, p. 55-70. 1991.

WEEKS, J. O corpo e a Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 35-82, 1999.

WEINBERG, G. *Society and the Healthy Homosexual*. New York: St, Martin's Press, 1972.

WELZER-LANG, D. A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482. 2001.

WHITMONT, E. C. *A Busca do Símbolo: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica*. São Paulo: Cultrix, 1990.

WHITMONT, E. C. A evolução da sombra. In: ZWEIG, C. & ABRAMS, J. (org.). *Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991a.

WHITMONT, E. C. *O Retorno Da Deusa*. São Paulo: Summus, 1991b.

ZWEIG, C. & ABRAMS, J. (org.). *Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE